

POR UM MINUTO DE SILÊNCIO: A ATUAÇÃO DE JOSÉ LINS DO REGO (1901-1957) EM MACEIÓ

MARIA THAIZE DOS RAMOS LIRA
UFRPE
thaize_ramosjp@hotmail.com

RESUMO

Neste trabalho, buscamos discutir alguns aspectos acerca da formação intelectual de José Lins do Rego. Abordaremos elementos biográficos e a sua atuação como intelectual nordestino, em Maceió, pois, o seu lugar social está relacionado à produção de uma “escrita de si”, considerada pelos seus estudiosos como uma escrita que faz referências às suas memórias do tempo em que era um “menino de engenho”. Um fato que chama atenção é o envolvimento de JLR nas “rodas literárias”, aspecto que é fadado ao esquecimento por uma gama de estudiosos. Para tanto, por base os estudos de Fernandes Freire (2014), Souza Barros (1972), e Micelli (1977). Como aporte teórico, dialogaremos com Gomes (2002), Bordieu (2006) e Certeau (2000).

Palavras-chave: “Escrita de si”; roda literárias; intelectual nordestino.

INTRODUÇÃO

Nossa principal inquietação neste trabalho é perceber como se deu a formação de um intelectual nordestino a partir do seu lugar social³³⁸, mais efetivamente, um sujeito que observava seus alicerces serem substituídos pelo advento da modernidade. Um romancista que abre espaço para o menino que habitou o interior dos engenhos nordestinos e, a partir desse fato, atribuiu a si a tarefa de, juntamente com outros intelectuais, constituir tradições para a região.

Buscamos aqui compreender o período da vida de José Lins do Rego que circunda até a década de 1940. Para tanto, como tratamos com aspectos biográficos, não podemos esquecer que o seu lugar social está relacionado à produção de uma “escrita de si”, conceito trabalhado por Gomes (2002), ou seja, muitos dos escritos de José Lins do

³³⁸ Pensamos o lugar social a partir das reflexões de Michel de Certeau (2000), quando aponta que o lugar social é construído historicamente e funciona ao mesmo tempo como uma possibilidade e como uma limitação, posto que é através dele que uma narrativa é pensada, construída e torna-se conhecida. Desta maneira, “toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar social de produção socioeconômico, político e cultural” (CERTEAU, 2000, p. 66). Assim, o lugar social de José Lins do Rego é o de neto de senhor de engenho, herdeiro da sociedade patriarcal, que corrobora em seus escritos para a ideia de decadência.

Rego se referem a suas lembranças da infância e juventude nos engenhos nordestinos.

A escrita de José Lins do Rego é marcada pelo tom memorialista e autobiográfico – seguindo as colocações de Gomes (2004), pela escrita de si ou escrita auto-referencial, que faz parte de um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar de produção de si no mundo ocidental. A prática da escrita de si pode ser compreendida como parte de um variado conjunto de ações, que vão desde as autobiografias até os diários íntimos, passando pela constituição de uma memória de si. A escrita de si é comumente associada à ideia de “teatro da memória”, no sentido de que há uma evidência para o indivíduo como personagem de si mesmo e assim da história do grupo a que pertence.

Por meio da escrita de si, é possível dar novos sentidos às ações, manifestar aquilo que é importante e esconder o que é “necessário”. Escrever a própria vida é poder se libertar, se mover e reviver. É poder contar a própria história sob uma ótica particular, é visitar espaços perdidos, espaços cheios de sentimento, que podem ser mapeados pela memória construída a partir do tempo presente.

O estudo das práticas de escrita de si é possível a partir da relação estabelecida entre o indivíduo moderno e seus documentos, que toma como ponto central a ideia de que:

Através desses tipos de práticas culturais, o indivíduo moderno está constituindo uma identidade para si através de seus documentos, cujo sentido passa a ser algo alargado. Embora o ato de escrever sobre a própria vida e a vida de outros, bem como de escrever cartas, seja praticado desde há muito, seu significado ganha contornos específicos com a constituição do individualismo moderno. A chave, portanto, para o entendimento dessas práticas culturais é a emergência histórica desse indivíduo nas sociedades ocidentais (GOMES, 2004, p. 11).

O aparecimento do indivíduo nas sociedades ocidentais deu margem também à ideia de “ilusão biográfica”, expressão de Pierre Bourdieu (2006), que coloca este conceito como vindo do senso comum, adentrando o meio científico, e, em suas palavras, representando “inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história” (BOURDIEU, 2006, p.183). Esse entendimento tem por base a negação da ideia de que a história de vida se daria no sentido linear, na qual o indivíduo nasce, cresce, se

desenvolve e morre, de maneira que tudo aquilo que aconteceu durante o período de sua existência fluísse numa rede de eventos organizados em volta do próprio fim da história.

Esta forma teleológica de compreender a biografia associada a uma estrutura de relato e a um romance, no qual as ações estão colocadas de forma cronológica, em que o enredo se dirige para um fim, um desfecho, é definido por Bordieu como “ilusão biográfica”. Seria uma tentativa de se entender e narrar a vida de uma pessoa em um dado período, levando em conta a linearidade temporal da vida entre o nascer e o morrer – como se a vida fosse um desdobramento cronológico contínuo, explicado por uma existência cujo sentido estaria no nome próprio adquirido.

Segundo Miceli (2001), as memórias constituem um gênero de investimentos praticados por diversas categorias de escritores. Dentre os escritores consagrados, em sua maioria, romancistas ou poetas, “a elaboração de memórias constitui a oportunidade de reafirmar o domínio completo do ofício de escritor” (MICELI, 2001, p. 85). Nos casos de Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Augusto Meyer, Gilberto Freyre etc, a infância ou os primeiros anos da mocidade são os períodos que se dispõem a rememorar.

Decerto porque a impossibilidade de suprir as lacunas desses períodos favorece o tratamento eminentemente poético dos episódios e das figuras que pontuam a trama. E dado essa modalidade narrativa os dispensa de restituir as determinações prosaicas do ambiente familiar de quando eram crianças, esses escritores sentem-se à vontade ao reivindicar para suas memórias uma apreciação fundada apenas em critérios estéticos. Se, por um lado, os procedimentos de eufemização a que se sujeitam sua história de vida dificultam o rastreamento das mediações práticas que se colocam na raiz de sua habilitação para o trabalho intelectual, por outro lado, tendem a privilegiar certos eventos que prenunciam a gênese social de uma “sensibilidade” de escritor (MICELI, 2001, p. 85).

Consideramos que foi a partir desse lugar de memória que ele se construiu enquanto um intelectual nordestino. Entendemos o intelectual a partir das proposições de Albuquerque Júnior (2005), quando nos informa que a palavra intelectual surgiu no final do século XIX em substituição ao termo erudito. Segundo ele:

O substantivo “intelectual” surge para nomear, portanto, o que seria uma nova “classe” de pensadores e escritores, quase sempre em oposição à ordem sócio-política estabelecida – ou ao menos à margem dela – tendo, pois, o sentido de alguém descontente, que mantém uma atitude crítica e independente frente ao governo e à sociedade de seu país (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2005 p. 4).

As colocações de Sérgio Miceli (2001) podem ser aplicadas a José Lins do Rego, pois, segundo ele:

[...] as profissões intelectuais constituem um terreno de refúgio reservado aos herdeiros das famílias pertencentes à fração intelectual e, em particular, aos filhos das famílias em declínio. Estes últimos, tendo podido se livrar das ameaças de rebaixamento social que rondavam os seus, tiveram a oportunidade de se desgarrar de seu ambiente de origem e, ao mesmo tempo, de objetivar com seus escritos essa experiência peculiar de distanciamento em relação à sua classe. Em suma, não se podem dissociar as disposições favoráveis ao trabalho intelectual das experiências sociais que moldaram tais disposições (MICELI, 2001, p. 82).

“LIGEIOS TRAÇOS” DE UM MENINO DE ENGENHO

José Lins do Rego, nasceu em 03 de junho de 1901, na várzea paraibana, num engenho familiar³³⁹, município de Pilar, estado da Paraíba. Filho de João do Rego Cavalcanti e Amélia Rego Cavalcanti, foi criado por seu avô materno, o coronel José Lins Cavalcante de Albuquerque, proprietário do referido engenho, e por uma tia, a “tia Maria”. Concluiu os estudos secundários na cidade do Recife, na qual, em 1919, ingressou na Faculdade de Direito do Recife³⁴⁰, dando assim, início a sua atuação como cronista, atividade que marcou o início de sua carreira e representa boa parte de sua produção, particularmente o período que compreende a década de 1920.

O envolvimento de José Lins do Rego com o tradicionalismo aconteceu quando ele ainda estava em terras paraibanas, por volta de 1924. Após isso, ele seguiu para Manhaçu, cidade do interior de Minas Gerais, na qual passou a exercer a função de promotor público entre os anos de 1925-1926. Esse emprego lhe foi conseguido através de seu sogro, o senador Antônio Massa. Contudo, a vida em terras mineiras não lhe agradava muito. Ter que lidar com o ofício jurídico e o cotidiano de uma cidade do

³³⁹ O local exato onde José Lins do Rego nasceu é ainda objeto de discussão. Uns apontam o engenho Corredor e outros apontam o engenho Itapúa. O fato é que ambos se localizavam na várzea paraibana. Ver: FIGUEIREDO JÚNIOR, Nestor Pinto. **Onde nasceu José Lins do Rego, afinal?** João Pessoa: Ideia, 2000.

³⁴⁰ Moema Selma D’Andrea aponta que a vida cultural do Recife possuía regras familiarmente localista cujo status era conferido por meio da obrigatória passagem pela Faculdade de Direito, “tradicionalmente conhecida como centro difusor dos vários estudos humanísticos, franqueava a rota batida e segura dos filhos d’algo do Nordeste açucareiro. A tradição que começava na ‘aristocracia de berço’ continuava na ‘aristocracia togada’”. D’ANDREA, Moema. **A Tradição Re(des)coberta. Campinas** – SP: Ed. da Unicamp, 1992. p.24.

interior lhe estimularam o desejo de retornar para o Nordeste, seja para Pernambuco, seja para a Paraíba.

Em uma carta endereçada ao amigo Gilberto Freyre, José Lins do Rego anunciou sua ida para Maceió. Lá, passou a ocupar o cargo de fiscal de banco, que lhe foi conseguido através da atuação do pai de sua esposa, um homem que já tinha ajudado José Lins várias vezes, o que nos leva a considerar que Antônio Massa era um homem de bastante influência.

“Em 14 de dezembro de 1926, a bordo do vapor Pará, chegava a Maceió um homem de terno branco, bem vestido, com óculos bengala e costeletas que logo chamaram atenção de muitos” (SANTANA, 1980, p. 39). O homem em questão era José Lins do Rego, que chegava à capital de Alagoas como um desconhecido, mas que iria se tornar um escritor reconhecido nacionalmente a partir de escritos em terras maceioenses.

O historiador Fernandes Freire (2014) chama a atenção para o fato de o período em que José Lins do Rego passou em Maceió passar despercebido pelos estudiosos de sua produção literária:

Na verdade, o que podemos observar é um certo silenciamento discursivo em torno daquela temporada. Gilberto Freyre, nos seus textos sobre José Lins, quase não aborda a época em que seu amigo esteve em Maceió. Para o ensaísta pernambucano, Maceió não teria sido muito importante, não passaria de um mero capítulo na vida do paraibano, pois teria sido o Recife, grande metrópole regional, que teria contribuído para a obra literária de José Lins (FERNANDES FREIRE, 2014, p. 118).

O tempo que passou em Recife e a sua importância para a formação de José Lins do Rego pode ter contribuído para que seus estudiosos menosprezassem a sua estadia por outras cidades, principalmente, Maceió. Para demonstrar essa postura, temos os estudos de José Aderaldo Castello (1961), Pávula Maria Sales do Nascimento (2009) e Mariana Chaguri (2009), os quais destinaram apenas leves parágrafos aos anos maceioenses de José Lins. Esse fato indica o silêncio de que esse período padeceu, com Gilberto Freyre reforçando a cidade do Recife como a principal na vida e na obra de José Lins. Entretanto, para nós, os anos em que José Lins viveu na capital alagoana foram importantes para a sua produção literária.

Em 1926, José Lins se mudou para Maceió e passou a exercer a função de fiscal de banco. Não se tratava de um simples adepto do tradicionalismo freyreano que chegava. Nos anos de 1924-1926, tinha fundido seu tradicionalismo com o

regionalismo, assim como aconteceu com o movimento Regionalista de 1924, oriundo do Recife. Tornou-se o correspondente alagoano de “A Província”, dirigida por Freyre.

Naqueles anos, José Lins do Rego entrou em contato com as propostas regionalistas de seu amigo pernambucano, a partir do “Livro do Nordeste” e dos artigos do “Diário de Pernambuco”, que difundiam informações e ideias acerca do movimento. Apesar de ter sido cotado para contribuir com a obra, José Lins não apareceu entre os autores do livro comemorativo do centenário do jornal.

Segundo Tadeu Rocha, a influência de José Lins “junto ao povo alagoano foi o tipo do apostolado moderno: apostolado do meio, em que o intelectual chegado de fora atuou entre intelectuais da terra, passando a estes a incumbência de levar a nova mensagem regionalista” (ROCHA, 1964, p. 26).

Nos anos 1920-1930, Alagoas passou por uma considerável efervescência crítica na cultura local, resultado da participação ativa de críticos e da intensa atuação de escritores. Viviam em Alagoas Graciliano Ramos, Jorge de Lima e José Lins do Rego, que liderava uma espécie de liga intelectual sob forte inspiração nas ideias regionalistas desenvolvidas em Pernambuco por Gilberto Freyre. Não era de se estranhar que as ideias de vanguarda – via modernismo – fossem interpretadas como uma afronta a tudo que representava o Nordeste.

O cenário social e econômico alagoano cooperava ainda mais para essa aversão, pois Alagoas e sua capital ainda eram, naquele período, de intensa base rural. Ao mesmo tempo, como a fortalecer a dualidade dos aspectos identitários, o menor sinal de urbanização presente na cidade era, de certa maneira, considerada uma ameaça aos aspectos que formavam a identidade cultural alagoana. Buscava-se, então, um estilo de preservação daquilo que chamavam de tradição, que também deveria se dar na literatura.

Enquanto residiu na capital alagoana, José Lins conviveu diretamente com Graciliano Ramos, Jorge de Lima e Rachel de Queiroz, Aurélio Buarque de Holanda, que então residiam naquela cidade. Continuou no mundo jornalístico, escreveu crônicas e continuou na crítica literária. A partir daquele momento se entrelaçaram as inspirações para sua formação enquanto futuro romancista. Acerca disso, vejamos:

(...) Surgiu a mais importante sucursal do Regionalismo Tradicionalista (...). O movimento só foi acolhido em começos de 1927 – um ano após o lançamento do Manifesto Regionalista e alguns meses depois com a chegada do escritor José Lins do Rego à capital de Alagoas (ROCHA, 1964, p. 13).

No entender de Rocha, portanto, a cidade de Maceió só teria passado a viver a efervescência dos anos 1930 em decorrência do encontro dos intelectuais acima citados, quando travaram discussões sobre o Regionalismo e deram novos rumos e contornos estéticos ao movimento.

Os vários momentos nos quais os homens das letras se socializavam, seja em um bar, praça, salão de evento ou em qualquer outro espaço, constituíram uma “roda literária”, conceito trabalhado por Simone Silva (2008), uma estudiosa que faz uma comparação entre os processos de publicação das obras de estreia de Mário de Andrade e de José Lins do Rego. A autora analisa o sistema de trocas e obrigações no mundo do livro durante as décadas de 1920-30. Através do estudo das primeiras obras que marcam a carreira de ambos os escritores, “Pauliceia Desvairada” (1922) e “Menino de engenho” (1932³⁴¹), respectivamente, a intenção é demonstrar a dependência do espaço literário nacional em relação aos “grupos de amigos”, que era uma prática comum naquele período.

Uns liam os manuscritos, outros revisavam a prova do livro que era em seguida encaminhada a um editor e, depois de publicada, restavam as tarefas de distribuição e de divulgação, que também estavam a cargo de membros dos grupos. Aos poucos, fui percebendo que todas aquelas pessoas não podiam ser agrupadas em simples divisão de trabalho literário. Tratavam-se de amigos próximos envolvidos indistintamente em diversas atividades. A princípio, pareciam ser simples “grupos de amigos” que se ajudavam em função dos laços afetivos. Contudo, ficou claro, ao longo da pesquisa, que o apoio mútuo existente entre eles, era parte de um sistema coercitivo de obrigações, essencial para o âmbito artístico daquele período (SILVA, 2008, p. 183).

Podemos dizer que no contexto de publicação das referidas obras existiam dois grandes grupos de amigos: os que compunham a “roda de São Paulo” (Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Menotti del Picchia e Oswald de Andrade) e os que compunham a “roda de Maceió” (José Lins do Rêgo, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge de Lima, Aloísio Branco, Valdemar Cavalcanti, Aurélio Buarque de Holanda).

De fato, os grupos de editoras e revistas eram formados a partir das “rodas de amigos”, ou seja, com o ingresso de seus membros em uma dada editora, eles passavam a constituir a sua roda. Por exemplo, os membros da “roda de Maceió”, ao ingressarem na José Olympio,

³⁴¹ Ganhou o Prêmio da Fundação Graça Aranha.

passaram a fazer parte da roda dessa editora. Com isso, é importante perceber que a constituição de muitos grupos de uma mesma roda era importante porque aumentava o número de alianças de seus membros e também expandia o espaço de circulação de suas obras (SILVA, 2008, p. 185).

No tempo em que estava começando a se envolver mais diretamente no mundo dos livros, José Lins do Rego compôs a chamada “roda de Maceió”, formada pelos membros acima destacados. Aos poucos, essa “roda” foi se constituindo em um grupo de amigos que se interessavam pelo mundo dos livros. Como nem todos dispunham das mesmas condições, no que concerne aos contatos editoriais, uniram-se na intenção de trocar experiências e contatos para poderem publicar seus livros.

As “rodas” passaram a ser o meio através do qual os artistas produziam e faziam circular suas obras. No tempo das rodas, eram elas as responsáveis pelo julgamento, pela crítica e pela divulgação do produtor artístico. No caso do mundo do livro, por exemplo, evidencia-se a importância que as “rodas” passaram a ter no processo fundamental de promoção do escritor – a publicação dos livros, que segue um largo trajeto até chegar ao editor por meio de um integrante da “roda” (SILVA, 2008, p. 189).

Durante a sua permanência em Maceió, José Lins retornou para a fase da escrita das crônicas e dos pequenos ensaios críticos, proeminentes na sua carreira³⁴², contemplando durante esses anos as suas definições literárias em prol do movimento regionalista do Recife e em crítica para o movimento modernista de São Paulo.

No prefácio de “Gordos e Magros” (1942), José Lins comenta sua passagem por Maceió: “relembro a fase alagoana de minha vida como tempos fecundos, época de floração de minha carreira. Saía do aprendizado para fazer qualquer coisa com as minhas próprias mãos” (REGO, 1942, p.47).

Foi na fase de Maceió que ele se dedicou a escrever um estudo biográfico e crítico sobre Gilberto Freyre, mas o sociólogo pernambucano teria intervindo para que não fosse publicado. Ao mesmo tempo, foi em Maceió que se deu a elaboração de seus primeiros romances, como aponta Castello: “sua atividade de romancista começou em 1932, com o plano de uma novela em que, no primeiro capítulo, ele se voltaria para a infância, no ambiente dos canaviais” (1961, p. 91). Pela cronologia das obras, fica nítido que estaria se referindo a *Menino de Engenho*, pois menciona o desejo de enaltecer a figura de seu avô:

³⁴² As crônicas escritas nesse momento de sua vida são os volumes de Gordos e Magros (1942) e Poesia e Vida (1945), quando José Lins residia no Rio de Janeiro.

Em 1929, li as memórias de Mistral e me impressionou o episódio em que o poeta francês evoca o moinho dos seus pais, onde, diante da figura paterna, era descarregado o trigo trazido pelos cavalos. Desse pequeno episódio, nasceu em mim o desejo de evocar meu avô. Primeiramente, pensei em memórias. Depois, resolvi fazer um romance, e aí nasceu *Menino de engenho*, escrito em dois meses. Eu tinha, então, trinta e um anos – livro foi escrito em 1930 (REGO *apud* MARTINS, 2010, p. 12).

A obra em questão é tida pela crítica literária e pelo próprio José Lins como a primeira obra do conhecido “Ciclo da cana-de-açúcar”. Porém, Bueno (2006) adianta que são muitos os romances que se apresentam na década de 1930. As primeiras edições de *Menino de engenho* e *Doidinho* não fazem qualquer referência a pertencerem a um ciclo literário em andamento. Foi preciso que a crítica identificasse uma continuidade entre os dois livros para assim os definir.

Bueno (2006) nos adianta que, naquele momento, era costume da Editora José Olympio publicar as obras na forma de ciclos. E isso não era partilhado por todo o romance brasileiro de 1930, tendo em vista que grande parte dos casos tem relação com a denominação e publicação comum pela José Olympio Editora. O autor de “Uma história do romance de 30” deixa um alerta para pensarmos se realmente estamos diante de romances cíclicos, e o quanto esse tipo de projeto literário é determinado por um realce na literatura social. Vejamos o que nos adianta acerca de José Lins do Rego:

Autor importantíssimo foi também José Lins do Rego, cujo romance cíclico ficou marcado como um dos mais característicos da década. A importância que esses romances conquistaram em nossa tradição literária deve-se a vários fatores que José Lins conseguiu coordenar em seus escritos. Em primeiro lugar, suas obras mostram metucioso trabalho de observação aliado à experiência pessoal do autor, o que constituiu o registro mais expressivo da região açucareira. Entrelaçado a esse registro primoroso, há a estética com a qual ele foi realizado: uma expressão que destrói muitas barreiras entre o coloquial e o literário, trazendo à linguagem dos personagens a oralidade que lhes é própria (COELHO, 2010, p. 21).

Assim, nos escritos de José Lins do Rego, temos vários pontos a serem trabalhados, desde pensarmos seu viés enquanto cronista, até seus romances cíclicos. A relevância de José Lins para a tradição literária verifica-se na maneira como ele conseguiu articular sua produção. Inicialmente, ligada à sua experiência pessoal, depois, balanceando o estilo coloquial e o literário, acrescentando aspectos referentes à linguagem dos personagens um tom de oralidade.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

É importante refletirmos que a formação e as redes de amizade de José Lins do Rego marcaram de maneira profunda a sua forma de escrever sobre o seu Nordeste, aquele que se envolveu cedo no mundo da imprensa e deixou de lado a musa das letras jurídicas. Tais fatos por si não dizem muito se forem analisados em separado, ou fora do contexto das primeiras décadas do século XX, uma vez que o autor bebeu nas fontes dos escritores regionalistas do Recife. Vivendo no Recife, onde o passado, o presente e o futuro não pareciam em harmonia, a produção de José Lins do Rego foi marcada pelo caráter peculiar de narrar um passado que se perdia – era uma personagem quase sem voz que ele queria trazer para a cena.

Maceió foi o local onde José Lins do Rego teve contato com as rodas literárias e, também, o momento em que vemos efetivamente sua atuação enquanto romancista. Na contramão dessa leitura, alguns estudiosos do tema não valorizam a importância de Maceió na formação do nosso romancista, centrando-a quase unicamente na cidade do Recife, como sendo essa a grande metrópole regional onde teriam ocorrido as principais vivências e experiências formadoras do pensamento e, conseqüentemente, da obra literária de José Lins do Rego. Apesar dessa interpretação, é necessário destacar também as vivências e diálogos ocorridos na cidade de Maceió como influenciadoras para a produção dos romances, pelo convívio e pela oportunidade que teve de interagir com uma gama de literatos, um mundo que propiciava à literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana; São Paulo: Cortez. 2011.

_____. De amadores à Desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente. **Trajeto**, Fortaleza, v. 03, n. 06. p. 43-66, 2005.

BARROS, Souza. **A década 20 em Pernambuco: uma interpretação**. Rio de Janeiro: Graf. Ed. Acadêmica, 1972.

BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 181-191.

BUENO, Luís. **Uma história do Romance de 30**. São Paulo: Editora da USP; Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

CASTELLO, José Aderaldo. **José Lins do Rego: modernismo e regionalismo**. São Paulo: Edart, 1961.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: _____. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 65-109.

CHAGURI, Mariana Miggiolaro. **Do Recife nos anos 20 ao Rio de Janeiro nos anos 30: José Lins do Rego, regionalismo e tradicionalismo**. 2007. 211f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1990.

COELHO, Elisa Domingues. **O romance secundário no decênio de 30**. 2010. 62f. Monografia. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2010.

D'ANDREA, Moema. **A Tradição Re(des)coberta**. Campinas – SP: Ed. da Unicamp, 1992. p.24.

FIGUEIREDO JÚNIOR, Nestor Pinto. **Onde nasceu José Lins do Rego, afinal?** João Pessoa: Ideia, 2000.

FREIRE, Diego José Fernandes. **Contando o passado, tecendo a saudade: a construção simbólica do engenho açucareiro em José Lins do Rego (1919-1943)**. 2014. 316f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em História, Natal, 2014.

GOMES, Ângela de Castro. **Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1999.

MICELI, Sérgio. **Poder, sexo e letras na República Velha**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

_____. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NASCIMENTO, Pávula Maria Sales. **Espelhos de mim Entre as utopias e heterotopias da memória em José Lins do Rego e José Américo de Almeida**. Dissertação (Mestrado em História) 2009. 118f - Universidade Federal de Campina Grande, Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Humanidades, Campina Grande, 2009.

REGO, José Lins. **Menino de engenho**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

_____. **Gordos e Magros**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.

_____. Notas sobre Gilberto Freyre. In: FREYRE, Gilberto. **Região e Tradição**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.

ROCHA, Tadeu. **Modernismo e Regionalismo**. Maceió: Imprensa Oficial de Alagoas, 1964.

SILVA, Simone. A “roda de Maceió” e o projeto regionalista: uma perspectiva etnográfica das disputas corridas no mundo do livro dos anos 1930. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 42, n. 2, jul./dez, 2011, p. 91 – 107.